

LAMPIÃO & LANCELOTE, DE FERNANDO VILELA: UMA EXPERIÊNCIA INTERMIDIAL E INTERARTÍSTICA PARA LEITORES INFANTO-JUVENIS

Maria Cristina Cardoso Ribas¹
Rosana da Silva Malafaia²

RESUMO: Este trabalho pretende analisar a história de *Lampião & Lancelote*, escrito por Fernando Vilela, a partir de uma abordagem intermediária e transcultural. Partindo da tessitura narrativa, tomamos contato com poema épico da literatura medieval cujo texto-base é a Literatura de Cordel. Seguindo este caminho, apresentamos algumas reflexões de autoria de Câmara Cascudo (2006), Rodrigues-Pinto (2011), Tavares (2009) e Debs (2014) para compreender a leitura transcultural da narrativa e a abordagem intermidial e interartística de acordo com Clüver (2007), Rajewsky (2012) e Ribas (2017). A partir deste ponto, o livro de Fernando Vilela apresenta um vasto campo de conhecimento para os leitores infanto-juvenis, oferecendo a eles incontáveis possibilidades significativas para atravessar caminhos singulares de ler a tradição clássica e a herança popular sem estabelecer hierarquias humanas e exclusão social. A história de *Lampião & Lancelote* desperta o modo de ver dos jovens leitores promovendo a experiência da mistura de artes, mídias, tradições e herança cultural.

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil. Literatura de Cordel. Intermedialidade.

LAMPIÃO & LANCELOTE, BY FERNANDO VILELA: AN INTERMEDIAL AND INTERARTISTIC EXPERIENCE FOR CHILDREN AND YOUTH READERS

ABSTRACT: This work aims at analysing the story *Lampião & Lancelote*, by Fernando Vilela, from a cross-cultural and intermedia approach. Starting from the narrative's fabric, we make contact with a Universe in which the work allowed us to bring back medieval literature based on Cordel Literature. By following this path, we present some studies by Câmara Cascudo (2006), Rodrigues-Pinto (2011), Tavares (2009) and Debs (2014) in order to understand cross-cultural reading, intermedial and interartistic approach according to Clüver (2007), Rajewsky (2012) and Ribas (2017). From this point, Fernando Vilela's book presents a large field of knowledge for children and young readers, offering them countless relevant possibilities to cross singular ways of rereading classic tradition and popular heritage without human hierarchies and social exclusion. *Lampião & Lancelote* story awakens the young reader's way of seeing promoting the experience of mixing arts, media, traditions and cultural heritage.

Keywords: Children and Youth Literature. Cordel Literature. Intermediality.

¹Doutorado em Letras (Ciência da Literatura/ Teoria Literária), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Tem Pós-Doutorado em Intermedialidades (2018), pela UFF. É professora associada da UERJ e membro efetivo do Programa de Mestrado em Letras e Linguística (PPLIN/FFP/UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (UERJ) E-mail: marycriribas@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2289-4004>.

²Doutoranda em Literatura Brasileira pelo programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora estatutária pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rosana.malafaia@hotmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6775-3192>.

Introdução

*No repente eu levei a natureza
Maravilhas bonitas e selvagens,
No cinema levei mil personagens,
(...)*

*Eu levei o cinema e o repente
Para as brenhas longínquas do sertão.
(Louro Branco, repentista)*

A imagem possui o poder de seduzir o homem. Desde os primórdios da humanidade, a imagem se fez presente e atuante. A pintura rupestre evidenciava esse fascínio pela imagem, pelo concreto. Era preciso visualizar o animal para poder capturá-lo. “A imagem era, pois, elemento fundamental de um ritual mágico” (WALLY; FONSECA; CURY, 2013, p.14) e nesse processo ritualístico a imagem foi seduzindo cada vez mais o indivíduo. Na Antiguidade Clássica, as imagens se metamorfosearam nas palavras, ouvir também era um ato de ver. Na Idade Medieval, as palavras se materializaram nos livros e também se transformaram em imagens tanto imaginárias quanto concretas. As iluminuras medievais surgiram como o intuito da gravura iluminar a leitura. Após esta breve digressão da imagem, deparamo-nos com um mundo multimidiático no qual a palavra e a imagem se complementam, se suplementam, se contrariam ou se espelham.

Inserir a criança neste universo de múltiplas leituras se tornou uma tarefa essencial. Se desde a infância, a criança tiver contato com o livro físico e suas ilustrações, maior será sua habilidade para associar as imagens às palavras. Muitos livros dedicados ao público infanto-juvenil apresentam uma relação entre a palavra e a imagem geradora de amplas redes de significações: acionam o imaginário, despertam relações interartísticas e intersistêmicas, promovem uma (re)visitação literária e cultural. Como diz a epígrafe citada neste estudo, a palavra leva imagens, as imagens transmitem conhecimentos. No entanto, o encantamento proporcionado pelo livro, o acionamento tão importante e valioso da imaginação parece cada vez mais raro diante do mundo digital. Esta aparente incompatibilidade precisa ser revista. Dentro do espectro mais imediato e consumista, imaginar, fantasiar, sonhar, fora dos padrões mercadológicos são ações pouco experienciadas pelos jovens. Construir junto, ‘redesfazer’, atuar, ler transformando – porque transformação é gerúndio – são ações fora desse esquema mental automatizado e imediatista de leitores jovens e já envelhecidos ou envilecidos pelo desgaste do consumismo. Preferem o produto já pronto, acabado, tudo ali diante dos olhos, já pensado, imaginado, sonhado por outro. Intervir, interferir e se implicar é algo impensado e

não experienciado – o que configura uma carência educacional com fortes implicações na formação individual e coletiva.

Pensando nestas questões e em tantas outras não expostas, é que se faz necessário realizar o caminho de volta, considerando o alargamento do presente. O presente se abre e acolhe os outros tempos num desenho de temporalidades múltiplas. Assim é possível inserir no agora narrativas pretéritas e imperfeitas. Nossos antepassados se reuniam ao redor de uma fogueira e ali contavam e recontavam histórias inimagináveis, lugares sobrenaturais, histórias repletas de magia, de encantamento e de mitos. A evocação atraía crianças, jovens, adultos, anciãos. É importante resgatar estes laços no tecido da leitura. Nós e vozes no coral das narrativas, entre a oralidade e o verbo, entre o desejo e sua concretização. Essa fenda quase incomensurável entre instâncias ditas inconciliáveis pode se tornar um alento: justamente quando instiga o desafio de transpô-la. E para tecer a alternativa é preciso exercitar a criatividade.

Reduzir o processo de criação da criança e do jovem é, de muitas formas, diminuir o seu poder de raciocínio, de reflexão, de imaginação e, sobretudo, de encontrar/perceber/construir alternativas aos limites de várias ordens impostas tantas vezes pela vida. Assim, um livro que partilha temporalidades justapostas, coral de vozes distintas, ritmos em afinado desconcerto, imagens díspares combinadas, evocando o conhecido e trazendo o novo é algo vital para a formação do jovem leitor, para o seu despertar de um sono letárgico em berço quase nunca esplêndido.

O livro de Fernando Vilela, *Lampião & Lancelote*, é uma narrativa que viabiliza esta volta ao mundo de uma valiosa realidade que, passando por hierarquizações culturais, por exclusões sociais e atravessando a cisão popular/erudito; Europa/nordeste brasileiro, a reconstitui sob a égide da mistura que a criatividade - como *modus vivendi* e *modus operandi* - propõe. O procedimento do escritor, artista plástico, ilustrador e professor de artes na sua composição literária vai proporcionando, ao longo da leitura, um amplo e variado leque de sensibilidades e saberes de ordem cultural, histórica, artística, midiática, cinematográfica e humana.

Tomando como referência essas reflexões e com o intuito de apresentar um suporte teórico que oriente a análise empreendida apresentando o cordel como uma literatura com um potencial de leituras múltiplas, optamos pelos seguintes pesquisadores e teóricos: Roiphe (2011) para as constatações referentes à importância do ato da leitura; Cascudo (2006), Rodrigues-Pinto (2011), Tavares (2009), Debs (2014) para validar as relações transculturais

proporcionadas por esta literatura; Clüver (2007), Rajewsky (2012), Ribas (2017) para uma abordagem intermediária e intersistêmica pertinente à composição hibridizada do texto.

Tendo como objeto de análise o livro *Lampião & Lancelote*, de Fernando Vilela, tentaremos dimensionar a potência literária e artística da obra, assim como sua contribuição à formação do público infanto-juvenil. A narrativa promove, num show de versos, cores e formas que se misturam, um encontro inusitado entre Lampião - personagem emblemático do sertão nordestino - e Lancelote - personagem das novelas de cavalaria, grande e fiel cavaleiro do Rei Arthur. Estes dois personagens, através de uma trama bem elaborada, acabam adentrando o universo do outro, propiciando descobertas singulares através do choque espacial, temporal e cultural. Choque que se torna avalanche destrutiva com reverberações transformadoras. As lutas promovem intenso e violento contato, os embates são ao mesmo tempo marcação de compasso poético, escansão do verso e reversão de paradigmas que clamam por mudança. O contato nem sempre é harmônico – há muitas lutas -, mas o processo do conhecimento torna-se harmonioso aos olhos de adolescentes estimulados a conhecer o diferente de si. Estas informações são bem detalhadas na narrativa. Assim os leitores as leem, acompanham, “escrevem”.

Há, na narrativa, elementos intrigantes, informações adicionais fornecidas pelo livro que estão ali como uma espécie de filme em 3D. À primeira vista, observamos o primeiro plano, sua história, reconhecemos seus personagens, o espaço de cada um, no entanto, ao colocarmos aqueles óculos especiais, que nos garantem uma visão tridimensional, deparamo-nos com leituras mais profundas, por mares nunca antes navegados.

Por uma leitura transcultural

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por interesse, mas ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ter levantado a cabeça?

(BARTHES, 2004, p. 26)

Ao abriremos o livro de Fernando Vilela, *Lampião & Lancelote*, somos surpreendidos com uma escrita nada convencional e logo convocados a levantar a cabeça e os olhos. O autor, na construção do texto, lança mão de uma literatura representativa do sertão nordestino: a literatura de cordel. Esta escolha não é aleatória, o cordel possui laços de parentesco com a

literatura medieval. Ao entrelaçar dois personagens representativos destas duas literaturas, uma figura emblemática do sertão – Lampião - e a outra das novelas de cavalaria – Lancelote -, Fernando Vilela insere o leitor em um ambiente medievo-sertanejo e o faz refletir sobre essa inusitada articulação lítero-cultural apoiada nas artes plásticas, poesia, música, dança, literatura e história.

A literatura de cordel chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses. As histórias contidas nos livretos registravam as aventuras dos cavaleiros medievais, as histórias sobre reis, rainhas e princesas da Península Ibérica. Os portugueses tinham estas histórias guardadas na sua memória ou nos folhetos, conhecidos em Portugal como *folhas soltas* ou *volantes*. Tavares afirma ter tido o Romanceiro Popular do Nordeste origens ibéricas, “mas atraiu para si outras tradições, como um rio largo que por onde passa vai capturando afluentes” (TAVARES, 2009, p. 100). O cordel dispõe de uma estrutura narrativa diferente de Portugal, lá possuem um tom mais teatral (RODRIGUES-PINTO, 2011, p.140); no Brasil, por conta do choque cultural promovido pela população indígena e africana, trazidos pelos próprios portugueses, o cordel adquiriu um viés narrativo, cantado e dramatizado. Pelo processo conhecido como transculturação, a literatura de cordel nordestina se tornou um texto híbrido culturalmente, pois evoca essas culturas contribuidoras da sua reconfiguração. Na tessitura do cordel, encontramos culturas superpostas, relações intersistêmicas que não formam o caos, mas sim uma literatura singular com múltiplas leituras e encadeamentos, tornando-se indispensável sua atuação no campo literário infanto-juvenil.

Na Literatura Brasileira pouco se fala da tradição oral, o enfoque geralmente é dado à literatura escrita, no entanto, a literatura oral, definida por Zumthor como literatura da voz (ZUMTHOR, 1983, p.23), foi uma das precursoras da literatura escrita. Os povos indígenas possuíam um acervo literário, contavam histórias sobre deuses, lendas, dançavam, cantavam, dramatizavam, utilizavam da voz e do corpo para se expressarem artisticamente, mas tais manifestações foram sendo silenciadas ao longo da história. Os negros africanos também possuíam sua forma de manifestação literária, trouxeram sua cultura e sua arte para o Brasil. Importante ressaltar a força simbólica efetiva destes rituais e sensibilidades, ao invés de alocá-los pejorativamente no espaço do primitivismo, do desconhecimento, da fragilidade intelectual. E foi neste cenário delicado entre conexões interculturais e literárias que o cordel se reconfigurou constituindo-se em uma literatura híbrida, um mosaico lítero-cultural. Fernando Vilela traz para sua história esta forma de composição que carrega consigo outras culturas - percebidas ética e sensivelmente - e que precisam se desvelar, seja de supetão, seja no modo gota-a-gota, para o público infanto-juvenil.

Outro aspecto, vindo agora de um espaço-tempo distinto e distante à nossa cultura, mas ao mesmo tempo próxima quando nos deparamos com a literatura de cordel, é a persistência da Antiguidade Clássica e Medieval presente nesses versos. O cordel é uma literatura da voz, da *performance*, assim como era a atuação dos trovadores na literatura medieval e dos *aedos* e *rapsodos* na literatura clássica. Homero guardava na memória toda a construção narrativa da *Ilíada* e da *Odisseia* porque utilizava artifícios mnemônicos como a rima, o ritmo e a escansão. No livro analisado, essas vozes e recursos se fazem presentes na fala do narrador/cantador, de Lampião e de Lancelote, reverberando e atualizando aquelas vozes performáticas clássica/medieval. Para marcar a voz de Lampião, assim como o apresentar na história, o autor buscou as estrofes em sextilha (ABCDBD), típica do cordel nordestino: “Lampião lhe respondeu/ Minha roupa é mais segura/ Se me embrenho na caatinga/ Espinho nenhum me fura/ E se atiram eu me desvio/ Das balas com formosura.”; já para destacar a voz de Lancelote e se referir a este personagem, o autor recorreu às estrofes em septilha (ABCBDDB): “Que sujeito doido és tu/ Com esse jeito de anão/ Essa roupa toda em couro/ É de vaca ou de bisão/ E o ar caipira e tacanho/ Mais este chapéu estranho/ Que lembra Napoleão”, ambas em redondilha maior. Além dessas marcações versificadas, o texto propõe uma leitura de referência: o poema narrativo de cordel registra a presença do sertão e do personagem Lampião; os trechos em prosa sinalizam o medieval, as novelas de cavalaria e o personagem Lancelote. Isto produz uma confluência de culturas estabelecidas tanto no campo verbo-visual da narrativa quanto no campo das ideias, da evocação das literaturas de tradição oral.

Os poetas nordestinos proporcionaram à população o conhecimento de histórias fantásticas e maravilhosas advindas da Península Ibérica como a *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França* (1864), *A História da Imperatriz Porcina* (1813), *Princesa Magalona* (1851), dentre outras, adicionando a estes títulos as releituras realizadas por Leandro Gomes de Barros em *A batalha de Ferrabrás* (1909) e *A prisão de Oliveiros* (1981); José Bernardo da Silva em *A prisão de Oliveiros e seus companheiros* (1974), e Marcos Sampaio, *A morte dos doze pares de França* (1962). Para Vassallo (1993), estes diálogos deixam evidentes que “a sobrevivência do tema implica um certo número de adaptações à realidade local, mas sua permanência mostra, por si só, um forte índice de traços semelhantes entre os da sociedade nordestina e os da europeia” (VASSALLO, 1993, p. 73). Por este viés, Fernando Vilela ultrapassa os limites da imaginação permitindo dois mundos distantes, espacialmente e temporalmente, conviverem dentro das páginas de um livro. O autor une elementos da sociedade europeia medieval aos da sociedade nordestina.

A literatura por si só permite ao leitor se transportar para um universo que não é o aqui e agora, faz esse leitor viajar em mundos distantes, este é um dos encantos gerado pelo prazer da leitura, no entanto, a literatura de cordel, além de nos transmover a universos distantes e tão próximos ao mesmo tempo, levanta questões que *a priori* não são percebidas. Ela nos assegura uma leitura palimpséstica e em 3D, une o arcaico ao moderno e convoca uma percepção das culturas que colaboraram na sua construção. Dessa forma, *Lampião & Lancelotese* torna uma leitura literária relevante para o público infanto-juvenil, pois desvela memórias e culturas quase apagadas da nossa literatura.

Por uma leitura intermediática

Quando as fronteiras entre 'mundos' são violadas, não há por que manter limites entre artes. O diálogo, a integração entre formas artísticas tornam-se constantes, e as trocas e penetrações comparecem para possibilitar novos modos de leitura, que requerem a agilidade do leitor.

(DIAS, GENS, MARTINS, 2013, p.126)

Pensar a literatura em um mundo multimidiático requer observar outros planos de leitura, outros modos de ler e de perceber o conteúdo literário. Segundo Clüver, os

[...] modos de recepção ou leituras de textos verbais, visuais e musicais dependem muito, é claro, da educação e formação de cada indivíduo; dependem de hábitos fomentados pelas comunidades interpretativas (que podem não coincidir para cada uma das artes) bem como das condições e contextos de recepção dos textos (CLÜVER, 2007, p. 41).

O leitor recebe o texto e o analisa de acordo com a sua formação. Em geral fazemos, enquanto leitores, uma leitura hermenêutica, no entanto esta apreciação pode percorrer outros caminhos e adicionar ao texto reflexões ainda maiores.

De acordo com Dias, Gens e Martins (2013, p.14), foi a partir de Horácio, em sua obra intitulada *Epístola aos Pisões*, que o poeta latino Horácio não hesitou em legislar que poesia é pintura, por entender que esta relação se constrói através de um símile. Isto indica que a arte não se fixa apenas nos seus limites: a pintura se relaciona com a poesia, com a fotografia; o poema rompe fronteiras e adentra no campo pictorial, musical, fotográfico; o cinema se constitui a partir de uma conexão entre diversas artes, música, pintura, fotografia. É mediante

a este ultrapassar das fronteiras da arte que propomos uma leitura intermediática do livro *Lampião & Lancelote*, de Fernando Vilela.

Os estudos intermediáticos são relativamente recentes para a área de Letras e vêm ganhando espaço neste campo. Ao mesmo tempo que concede ao leitor um deslocamento entre as obras artísticas e aquelas obras não valorizadas como artes, dedica-se a estudar o funcionamento das artes e mídias em conexão. Em uma visão bem ampla, seria estender o conceito da palavra arte, atribuindo a este fenômeno uma nova significação que concederia maiores associações entre as atividades culturais, as artes como as conhecemos e a objetos de investigação diversos – como a tradição oral, as epopeias homéricas e o cordel. Nesta nova acepção, todos esses objetos de estudos englobariam a esfera do estudo das mídias. Ribas (2017) define os tipos de mídias a partir dos estudos de Müller (2009):

no singular *stricto sensu* remonta aos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, fotografia, jornais); e, no singular e/ou plural, *lato sensu*, é utilizado como suporte físico (o que inclui a sua materialidade) para gravação e transmissão (no caso de som, imagem e mais recentemente, de arquivos digitais) (RIBAS, 2017, p. 2879).

Isso posto, percebe-se o quanto é essencial o dizer de Clüver (2007), “Intermedialidade implica todos os meios de inter-relação e interação entre as mídias” (CLÜVER, 2007, p.2). No campo literário, os estudos intermediáticos revelam um novo modo de ler, perceber e compreender o texto literário, não mais restrito às construções de sentidos, mas como um objeto muito mais amplo e repleto de significações. Abandonamos a cultura da soberania da obra de arte e a trazemos para dentro do texto literário, do cinema, da poesia e juntamos a ela outras representações midiáticas.

Irina Rajewsky (2012), professora e pesquisadora da Universidade livre de Berlim, acrescenta aos estudos de mídias uma subcategorização na qual as mídias podem se apresentar a partir de três grupos, sem exclusão: a referência, a combinação e a transposição midiática³. As referências midiáticas estão relacionadas à uma mídia evocar outra (alusões às técnicas cinematográficas, à pintura, ao texto literário); combinações midiáticas trata de uma mídia ser

³Intermedialidade no sentido estrito de transposição midiática (*Medienwechsel*), denominada igualmente transformação midiática, a exemplo de adaptações filmicas de textos literários, novelizações e assim por diante; Intermedialidade no sentido estrito de combinação de mídias (*Medienkombination*), que inclui fenômenos como ópera, filmes, teatro, manuscritos iluminado/iluminuras, instalações computadorizadas ou *Sound art*, histórias em quadrinhos, ou em outra terminologia, as chamadas formas multimídia, de mescla de mídia e intermediáticas (WOLF, 1999, p. 40-41 e outros); Intermedialidade no sentido estrito de referências intermediáticas (*intermediale Bezüge*), a exemplo da referências, num texto literário, a um certo filme, gênero filmico ou cinema em geral (a escrita filmica); idem as referências que um filme faz a uma pintura ou que uma pintura faz a uma fotografia, dentre outras. (RAJEWSKY, 2012, p.58).

formada a partir da junção com outras mídias (ópera, filme, cordel, teatro); transposição midiática consisti em uma mídia se estabelecer dentro do contexto de uma outra mídia (caso este das transposições feitas pelo cinema a partir dos textos literários). Faremos um recorte na subcategoria relativa às referências midiáticas contidas na obra de Fernando Vilela. A título de elucidação, consideramos a literatura de cordel, tanto na sua forma oral quanto na materialização do folheto, como sendo uma combinação de mídias. Esclarecido isto, passemos a nossa análise intermediária.

No livro em estudo, a sua construção a partir da estrutura cordelística sugere uma leitura diferenciada. O cordel, além dos aspectos já mencionados sobre transculturação, é uma composição intermediária na qual algumas mídias se fazem presentes como a voz do cantador, a musicalidade, a teatralidade, a dança e as artes plásticas (xilografia). Para que o cordel demonstre a sua força literária é necessário ter essas mídias em conjunto, em coro, formando uma só composição assim como se constitui o cinema. Segundo Tavares (2009, p.140), o cordel foi durante muito tempo o cinema do sertão. Suas descrições rápidas e precisas permitem ao leitor reconstruir, em sua imaginação, a cena descrita. Somando forças a esta descrição, encontra-se aquela ação performática do cantador, ao mesmo tempo em que narra/canta, garante visibilidade do ato narrado. Mediante estas reflexões, o texto cordelístico propõe um novo modo de leitura na qual essas mídias interligadas geram um outro público: leitor/ouvinte/espectador.

A pesquisadora Medeiros (2019) construiu uma leitura do livro *Lampião & Lancelote* tomando como base o léxico e a linguagem cinematográfica proposta pelas ilustrações. A autora percorre toda a narrativa fazendo um minucioso estudo dos planos, enquadramentos e ângulos proporcionados pela leitura pictorial do texto. Revela cena por cena, as técnicas cinematográficas sugeridas por cada ilustração e as relaciona com o texto verbal, mostrando como uma mídia se inter-relaciona com a outra agregando novos conhecimentos. Esta abordagem realizada pela autora integra o campo de estudo das referências midiáticas presentes na obra. Ao percorrer tais referências, vai se construindo uma nova análise deste livro, no qual o texto promove outros caminhos que se bifurcam.

Na primeira estrofe do cordel, o narrador, na voz do cantador, pede licença para apresentar um dos personagens da história. A descrição passeia pela personalidade do herói apresentado, passa pelas suas características físicas e termina demonstrando sua bravura: “Bom e nobre cavaleiro/ Valoroso e altaneiro (...)/ Ele é forte e delicado/ Seu cavalo é todo branco/ Trajado em armadura prata/ Capa de bordado santo/ A luz do sol reflete/ Feito dardo

se arremete/ Todos cegam de espanto (...)/ Que mesmo em fogo cruzado/ Com cavalo no pinote/ Levanta a cabeça e luta/ Espalha bravura arguta”.

Nas estrofes, percebe-se como a descrição do cavaleiro vai se revelando aos poucos. Ao ler os versos ou escutá-los, pois o cordel é um texto para ser cantado, o leitor/ ouvinte passa para uma outra posição, a de espectador. A descrição se assemelha a uma pintura, os detalhes levam a imaginar um guerreiro medieval vestido em sua armadura prateada, com seu cavalo branco nos remetendo a um imponente cavaleiro medieval. As rimas marcam o ritmo dessa estrofe permitindo ao leitor escutar a música advinda dos versos. Se estivéssemos diante de um filme, lá estaria a imagem de Lancelote pintada como em um quadro e a música ao fundo o apresentando. As páginas destinadas ao famoso cavaleiro são todas ilustradas na cor preta, tons de prata das armaduras, além de fazerem referências às iluminuras medievais. Já as que compõem a figura também lendária de Lampião são na cor cobre e com imagens que nos remetem ao sol tórrido do sertão e ao universo das xilogravuras. Percebe-se como as mídias estão envolvidas e como em um mosaico se combinam formando um granulado de referências intermediáticas em vários relevos.

Nas estrofes que inserem Lampião na história, o aspecto altaneiro e nobre de Lancelote cede lugar a uma descrição mais contida e triste, mas ainda visível ao leitor, pois relata um fato marcante da vida de Lampião remetendo o leitor/espectador a uma espécie de *flashback*: “Criado nas terras secas/ Vaqueiro trabalhador/ Cuidava de um gado/ Com coragem e com valor/ Seu nome era Virgulino/ Mas um dia veio a dor (...)/ Ao ver seu pai baleado/ Ele partiu pra vingança/ À frente dos cangaceiros/ Se pôs logo em liderança/ Bando de cabras armados/ Ao inimigo com ganância!”. Quando o narrador revela a dor de Lampião há uma ruptura do universo imaginário até então proporcionado pela descrição de Lancelote. Os versos sugerem uma quebra na narrativa e uma trilha sonora mais contida. Avançando na história e chegando ao ponto no qual Lampião avista Lancelote, percebe-se novamente a linguagem verbal dando visibilidade à história, permitindo ao leitor ver, ouvir e sentir a cena fantástica que está sendo narrada:

Do meio da esfera branca, Lampião viu surgir a imagem de um cavaleiro em galope acelerado. E o cavaleiro veio serpeando em sua direção. Quando chegou bem perto, Lampião vislumbrou que a armadura e o cavalo eram de tal clareza que pareciam assombração. Mas o volante Lampião não sabia o que era o medo, cabra que cai nessa vida dorme nunca e acorda cedo, daquilo que não se sabe a sorte faz arremedo, da sombra de um cavaleiro nunca se teme o segredo, saiu montado no jegue e foi apontando o dedo, sua voz rasgou o ar e fez tremer o arvoredo (VILELA, 2015, p.24).

Após cenas de lutas entre os guerreiros de Lampião com os cavaleiros da corte do Rei Arthur, a história entra no universo dos desenhos animados ou das Histórias em Quadrinhos quando um personagem, depois de uma confusão que os olhos não alcançam, muda de figurino com o seu rival estabelecendo a paz. Uma reflexão sobre o estar no lugar do outro proporciona um clima de paz: “Quando a poeira baixou/ Estava todo mundo estranho/ Lampião numa armadura/ Que não tinha o seu tamanho/ E Lancelote trajava/ Um uniforme tacanho”.

A história se encerra ao som da música de viola, xaxado, trote, *gavotte*, uma metáfora para as relações literatura-arte-cultura, pois a novela de cavalaria e a literatura de cordel se entrecruzaram e, neste intercâmbio cultural, as músicas e danças também sofreram alterações do ponto de vista da origem e da tradição: “Foi então que Lampião/ Arriscou dançar *gavotte*⁴/ [...] Se sentiu medieval/ Até que não se saiu mal/ Misturou *estampie*⁵ com xote.” Ao trazer essas referências artísticas, o autor realiza um jogo entre essas danças e o cordel. As danças são de origem medieval e se utilizam do (com)passo para marcar o ritmo. Os versos da literatura de cordel são metrificados, ritmados e estão relacionados a esta marcação medieval – estampido - dos pés. Na linguagem do cordel, quando um verso foge da métrica é chamado de pé quebrado. Música, dança, cordel, mídias que se encontram e se ressignificam.

Além dessas referências à pintura, à música e às iluminuras medievais na obra, o livro faz alusão à mídia cordel, elemento constituinte da narrativa. Falamos em alusão porque o cordel é uma literatura que se materializa no folheto. O folheto de cordel é uma mídia composta por outras. Fernando Vilela não traz o folheto de cordel “em si” para dentro de sua narrativa, ele faz referência a esta mídia, operando combinações surpreendentes; e, ao fazê-lo, evoca a arte do cantador, a teatralidade, a musicalidade e as artes plásticas contidas nesta outra mídia.

Como dito anteriormente, o livro inicia sua narrativa de forma versificada, demonstrando esteticamente que trata de uma outra forma de se narrar, de contar uma história. Esta primeira visibilidade do texto nos remete ao cordel. Ao iniciarmos a leitura, percebemos a presença do narrador/cantador que dialoga com seu público leitor: “Meu povo peço licença/ Para lhes apresentar/ O primeiro personagem/ Que vai aqui desfilar/ Bom e nobre cavaleiro/ Valoroso e altaneiro/ Passa a vida a galopar”. Esta voz que canta e pede licença para cantar está viva na presença do cantador nordestino e traz com ela toda a sua *performance* de transmitir esta vocalização através do corpo. Mais à frente, novamente o cantador dialoga com

⁴ Composição instrumental francesa, de origem campesina, em compasso.

⁵ Dança de sapateado de origem francesa acompanhada de música instrumental.

seu público: “Agora vou lhes dizer/ Este homem é tão forte”, e depois apresenta o outro personagem: “Agora eu lhes apresento/ Um grande cangaceiro/ Nascido em nosso país/ Leal e bom companheiro/ Para uns foi criminoso/ Para outros justiceiro”. Nas estrofes que seguem, mais adiante essa voz chama a atenção do seu leitor/ouvinte/espectador: “Leitor agora eu lhe falo/ Preste muita atenção/ Este homem foi guerreiro/ Que inventou rebelião”. E termina a história nesses versos: “Meu povo aqui termina/ Esta história verdadeira/ Com baile, batalha e rima/ Pondo abaixo uma barreira/ Resultou numa geleia/ Da magia europeia/ Com a ginga brasileira”.

Tanto o contador quanto o cantador de histórias anunciam o final dela e garantem ser verdadeiro o episódio narrado. Podemos perceber também nesses versos a teatralidade daquilo que se é cantado: primeiro, a apresentação de um personagem; depois, do outro; como se os dois estivessem em um palco. A musicalidade se faz marcante nos versos através das rimas. Uma sugestão para escutar esta melodia é ler no mesmo ritmo das cantigas de roda. E por falar em cantiga, ela se faz presente na obra e permite mais uma referência midiática: a presença explícita da cultura popular, “Oiê muiê rendera.../ Oiê muiê renda/ Tu me ensina a fazê renda/ Que eu te ensino a namorá”.

Referências e combinações imagéticas

Criar imagens para crianças e jovens é um exercício moral e cultura de resistência. [...] Considerando o massacre diário que eles sofrem da imagem multidimensional na TV, nos jogos eletrônicos e nos quadrinhos, vejo a ilustração de livros como uma trincheira, não como um moinho de vento ou redoma de vidro. Os criadores de imagens para crianças devem perseverar na identidade individual como artista, perseverar em sua qualidade estética e sua responsabilidade social e nacional.

(OLIVEIRA, 2012, p.44-5)

O livro de Fernando Vilela, além de promover múltiplas abordagens, ainda compõe um sistema de referências e imagens que aumenta o campo de conhecimento do leitor em formação. Ao final da narrativa, produz uma rede de informações adicionando dados e promovendo um aprendizado histórico, cultural e artístico. O autor informa ao leitor como produziu o texto, quais foram suas matrizes de referência e como as dispôs dentro do livro. Oferece ao leitor informações sobre os personagens envolvidos na trama a partir de imagens a eles relacionadas.

Para delimitar o cenário imagético de Lampião, o autor disponibilizou algumas capas de folhetos de cordel feitas a partir da técnica da xilogravura. Esta arte plástica mantém uma

relação muito tênue com o ambiente sertanejo. Apreciar uma xilogravura é, de alguma forma, adentrar no universo imagético do sertão. As ilustrações de Fernando Vilela são releituras das xilogravuras. Não se vê exatamente a xilogravura, mas as imagens relacionadas à Lampião e ao deserto sertanejo deixam evidente esta referência. O contraste entre o preto e o branco, a ausência da perspectiva bidimensional, a técnica do carimbo são semelhanças marcantes com as capas dos folhetos.



Fig.1-Fernando Vilela, *Lampião & Lancelote*, 2015
Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras



Fig.2-J. Borges, *Lampião e Maria Bonita*, Xilogravura
Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras

Para inserir o leitor no universo medieval, o artista disponibilizou telas que contribuem para a construção do imaginário do leitor. Com essas referências, o autor o ajuda a (re)criar a lenda do Rei Arthur e, conseqüentemente, compreender a travessia realizada por Lancelote dentro da narrativa. A partir de tais informações anexas, o leitor/ouvinte/espectador ganha duplamente, pois passa a conhecer fatos históricos e artísticos ao mesmo tempo.



Fig.3 - Simone Martini, *Guidoriccio da Fogliano*, 1328, afresco, 340x968cm, Palácio Público, Siena⁶



Fig.4- Fernando Vilela, *Lampião & Lancelote*, 2015
Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras

⁶ Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Simone-Martini/17537/Guidoriccio-de-Fogliano.html>

Como se pode perceber, *Lampião & Lancelote* promove uma leitura palimpséstica, feita em camadas de tintas que, ao serem superpostas e simultaneamente rasuradas, como as letras grafadas em um pergaminho, ou as cores numa tela, vão dando forma a alguma imagem, preenchendo ou borrando formas. No caso do livro, essas camadas vão escondendo-revelando as conexões estabelecidas entre as artes e mídias envolvidas e evocadas no jogo da leitura.

Tal experiência só pode ser vivida em sua amplitude quando as barreiras entre artes, atividades culturais e entre outros objetos de investigação são rompidas e novas conexões vão sendo formadas. Levar um livro deste porte para o público infanto-juvenil promove um conhecimento artístico e cultural no qual o modo de ler o texto passa a ter significados amplos e singulares. Trata-se de uma experiência intransferível. É preciso ler para descrever.

Considerações finais

Tem sido comprovadamente forte a contribuição gerada na elaboração do livro infanto-juvenil no século XXI. As conexões estabelecidas pelas novas linguagens promovem uma experiência muitas vezes inusitada para o público desses livros. O contato constante desses jovens com textos multimodais só eleva a sua capacidade de leitura. Ler a ilustração e as palavras, o dito e o silêncio, os velhos clichês junto a sutilezas quase invisíveis, todo este conjunto de procedimentos requer aproximação e distanciamento de códigos e um atento exercício de autoexame, pois às vezes as imagens não são espelhos das palavras e caberá ao leitor trilhar – quiçá construir - esse caminho. Se desde cedo lhe é oferecido tal possibilidade de concatenação de sentidos, mais fácil e prazeroso será quando o texto literário possuir uma carga maior de possibilidades.

O livro de Fernando Vilela, *Lampião & Lancelote*, além de conectar a palavra com a imagem, mergulha em um mar de possibilidades, algumas previstas, outras inusitadas. Como se pode perceber, muitas referências midiáticas puderam ser rastreadas aumentando a rede de significações desta leitura. Relações transculturais foram afloradas quando a carga lítero-cultural da literatura de cordel foi posta em jogo. Proporcionar o contato da criança e do jovem com esta literatura gera mais um conhecimento cultural, artístico e histórico diante do livro.

Fazendo um paralelo com a epígrafe deste estudo do repentista Louro Branco (*apud* DEBS, 2014, p.11), percebemos o quanto o cordel faz parte do cinema, o quanto faz enxergar a natureza, os costumes de cada região e - por que não? - as artes do sertão. O repente, os

folhetos de cordel, assim como o cinema, fascinam leitores e ouvintes e lhes oferecem o jogo das relações intermediáticas e interartísticas. Se o cantador se embrenha no sertão levando conhecimento através das palavras e das imagens, Fernando Vilela traz esse cantador para dentro da narrativa e abre um leque de (re)significações literárias. Em todas as idades, mas especialmente na adolescência, o leitor convocado à experiência literária intermediática, interartística e transcultural agudiza a observação, desenvolve a reflexão crítica, sente a presença fortalecida, o que lhe assegura a possibilidade de se implicar e intervir nos eventos. Todos estes benefícios decorrem de uma leitura atenta, razão e sensibilidade unidas – na incansável busca do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luís Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.
- CLÜVER, Claus. Intermedialidade. *Pós: Belo Horizonte*, v.1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/16/16>. Acesso em: 15 maio 2019.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DEBS, Sylvie. *Cinema e Cordel*. Jogo de espelhos. Fortaleza: Interarte, 2014.
- DIAS, Ana Crelia; GENS, Armando; MARTINS, Georgina; GENS, Rosa. *Além das fronteiras: literatura, ensino e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2013.
- DINIZ, Thais Flores Nogueira. *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da contemporaneidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=xx_QFips7Ow. Acesso em: 20 out. 2019.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- MICHAELIS. *Dicionário Escolar Francês*. Disponível em <http://www.michaelis.uol.com.br/escolar-frances/>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- MONTEIRO, Juliana Pádua Silva. O grande encontro: uma reflexão sobre o diálogo entre o verbal e o visual em Lampião e Lancelote. *Manuscrita*. Revista de escrita genética. N. 37, p. 133-142, 2019.
- MÜLLER, Adalberto. *Linhas imaginárias: poesia, mídia, cinema*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- OLIVEIRA, Rui de. Entrevista. In: MORAES, Odilon.; HANNING, Rona.; PARAGASSU, Maurício. (Orgs.) *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantis*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.p.32-47.

RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, Intertextualidade e Remediação: uma perspectiva literária sobre a Intermedialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira. *Intermedialidade e estudos interarte: desafios da contemporaneidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p.15-46.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Literatura e(m) cinema: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação. ALCEU. Revista de Comunicação da PUC-Rio, v. 14, n. 28, p. 117-128, jan.-jun. 2014.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Modos de ver, modos de ler, modos de ser: tópicos de transposição midial. *Abralic*, p. 2878-2885. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522196085.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso.; NUNEZ, Carlinda Fragale Pate. Diálogos contemporâneos: da palavra ao écran. *Passages de Paris (APEB-Fr)*, n. 13, p. 493-511, jul.-dez. 2016.

RODRIGUES-PINTO, Maria Isaura. Memórias (não) hegemônicas e interações culturais no cordel do Brasil. *Linguagem em (Re)vista*, Niterói, v. 10, n. 20, p. jul.-dez. 2015.

ROIPHE, Alberto. Gênero verbo-visual. In: FERNANDEZ, Marcela Afonso (Org.). *Gêneros textuais: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011. p. 113-135.

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos*. São Paulo: Editora 34, 2005.

VASSALLO, Lúcia. *O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VILELA, Fernando. *Lampião e Lancelote*. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WALTY, Ivete Lara Camargo; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz – A literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

Recebido em 20/03/2021.

Aceito em 16/07/2021.